



OBSERVAR, LER E ESCUTAR: OS BEBÊS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

*Luana Cavalcanti Siqueira
Renata Alves de Santana*

O recém-nascido é sensível à linguagem e às suas imprevisibilidades. Ele se exprime, percebe, aprende. Acima de tudo, está submetido aos efeitos da linguagem que lhe escapa, àquela do inconsciente, e seus pais, da sociedade (SZEJER, 2016, p. 7).

Houve um tempo em que se pensava que os bebês eram seres submetidos apenas às suas necessidades instituais e suas ações (reações), eram apenas reflexos derivados destas. Porém, logo nos primórdios dos estudos com bebês, foi possível observar que, o fato de não falarem, não significava que eles nada sentiam.

Diversas áreas de estudo (psicanálise, neurociência, fisiologia) já validaram a ideia de que a vida psíquica inicia bem antes do nascimento. Dentro do útero de sua mãe, o bebê faz distinção de sons de frequências diferentes e também é capaz de reconhecer melodias musicais. Ele responde à voz da sua mãe, especialmente quando ela lhe fala. (SZEJER, 2016)

Para além das descobertas neurobiológicas, se voltarmos nosso olhar para a psicanálise, partindo do princípio de que todo bebê já nasce inserido em uma rede de significantes (Outro), compreendemos que a formação psíquica do ser humano, se inicia antes mesmo do período gestacional.

É importante frisar que o tempo de constituição psíquica para o bebê não está atrelado, ainda que não ignorados os diferentes estágios de desenvolvimento orgânico, a passagem de tempo cronológico. A constituição do sujeito exige a inscrição de diferentes momentos lógicos, que estão no cerne da relação mãe-bebê, não garantidos pela passagem de tempo (JERUSALINSKY, 2014).

Uma vez que o bebê não tem instintivamente um saber acerca do que lhe convém, torna-se decisivo para a constituição desse saber de que forma aquilo de que ele padece em seu corpo poderá ser representado (JERUSALINSKY, 2014, p. 25).

Funcionamento psíquico e corpo se organizam concomitantemente. E enquanto ser ainda não falante, o *infans*, com seu corpo, tenta responder ao enigma do desejo do Outro (CATÃO, 2015).

Acerca disso, Ferreira (2019) nos traz que o sujeito, passa a ser aquele cujo corpo perdeu o saber natural, ou seja, sua condição de puro vivente, sendo marcado pelo simbólico e imaginário, que irão lhe destinar um lugar entre os demais falantes.

Resumidamente, esse tempo de estruturação, passagem de um saber suposto/ emprestado pelo Outro primordial, para um saber próprio, se dá no atravessamento, da operação especular, com a tomada de uma imagem do 'eu', a partir do reconhecimento desta pela mãe, da operação de alienação, momento em que a criança se aliena ao gozo do Outro e se deixa marcar pelos significantes primordiais, e da operação de separação, momento em que ocorre o abandono dessa posição de submissão ao desejo do Outro, permitindo ao sujeito assumir seu lugar de desejante (FERREIRA, 2019).

O bebê captura o modo de gozo materno através do seu olhar e de sua voz. O gozo da mãe cumpre uma função constitutiva para o bebê. Ele deve poder tomar-se pelo objeto deste gozo. Assim o bebê encontra um convite à alienação no campo do Outro. Aceitando alienar-se o bebê poderá, a *posteriori*, apropriar-se da representação do vivido forjada pela mãe tornando-a sua (CATÃO, 2015, p. 23).

Nesse percurso de atravessamento, não há garantias de constituição psíquica, de um lado, o Outro vai endereçar-se e de outro, o bebê vai precisar ser inicialmente receptivo e, em seguida vai precisar responder ao que lhe foi lançado. Como ainda não está constituída a possibilidade de fala, o bebê traz no real de seu "corpo" os sinais de seu sofrimento psíquico.

Nesse momento, a prática clínica com bebês tem a possibilidade de ser o agente catalisador desse saber inconsciente, através da articulação do corpo e linguagem, como exemplo, gostaríamos de compartilhar a experiência de Caroline Eliacheff, psicanalista, que trabalhou na creche de Antony, subúrbio

de Paris. Ela nos relata sobre as rupturas vivenciadas pelos bebês, que se expressavam através de distúrbios funcionais.

Acrescenta ainda que essa linguagem orgânica, como menciona Denis Vasse (1974, p. 157), “só é orgânica porque não é linguagem”, e que o funcionamento desse organismo é escutado da mesma forma como se escuta as palavras de um analisado ou o desenho de uma criança, pois são efeitos do inconsciente de que as produz.

Um dos casos apresentados pela autora é o de Olivier, os pulmões à flor da pele. Conta a história de um bebê, com dois meses e meio, que foi levado até a psicanalista por uma educadora da assistência social e também uma maternante. Estas relataram que Olivier chegou à creche com doze dias de vida, e a sua mãe, grávida pela enésima vez, decidiu durante a gravidez, dar à luz anonimamente, pois relatou que não poderia criar o seu filho e que desejava um bom futuro para ele. No dia do seu nascimento, não houve tempo para chegar à maternidade, dando à luz na ambulância. Antes de ir embora, apresentaram-lhe o bebê. Após 24h, deixou a maternidade, pois os choros dos bebês não eram suportáveis para ela, mas telefonava todos os dias para saber como Olivier estava.

Aguardando na creche o período legal de três meses para poder ser adotado, a mãe de Olivier vai à creche para expressar seus desejos à futura família adotiva. O bebê ficou bem por cinco semanas. Após esse período, realizou uma consulta médica devido a descamações no rosto e couro cabeludo, além de uma forte perturbação brônquica, que por sua vez, torna a respiração difícil.

Nas trocas de olhares entre Eliacheff e Olivier, ela observa o quanto seu estado de saúde está deplorável, chegando a achá-lo desfigurado por causa da pele. Enquanto o bebê chora, a assistente conta que os funcionários, tanto da maternidade assim como os da creche, pensavam que a mãe voltaria atrás de sua decisão, mas ninguém falava sobre isso. Em uma reunião, as maternantes falaram, relatando sobre o quanto as mesmas estavam enganadas. Após essa reunião, Olivier adoeceu.

Ao escutar essa história, Eliacheff se dirige para Olivier e lhe diz: sua mãe é boa e corajosa. Ela não pode criá-lo como gostaria, e por isso tomou a decisão de que você fosse educado por outra família, sua família adotiva. As

peças que cuidam de você, sem que você soubesse, esperavam que a sua mãe mudasse de ideia, e talvez por isso você espere a mesma coisa. Hoje elas sabem que sua mãe é uma pessoa do bem, e que, para seu próprio bem, deseja que outra família o crie. Ela prefere também que essa família não tenha a mesma cor da sua pele, que é negra. Não sabemos se será assim, mas você não precisa mudar de pele. Será sempre o filho do pai e da mãe que o conceberam.

Uma semana depois, Olivier está com a pele bem melhor. Mas a respiração continua ruidosa. Enquanto a maternante conversa com Eliacheff, Olivier dorme. Ao relatarem sobre a primeira reunião do conselho de família, que acontecerá em poucos dias, pois a mãe biológica se mantém firme na decisão, Olivier abre os olhos, mas com o olhar vago, volta a dormir, respirando ruidosamente pela boca. A psicanalista então acaricia o umbigo do bebê e lhe diz: quando você estava na barriga de sua mãe, não respirava; ela o alimentava pela placenta na qual você estava ligado pelo cordão umbilical. Esse cordão saía daqui onde estou com minha mão; ele foi cortado quando você nasceu. O que estou tocando, chama-se umbigo, é a cicatriz desse corte. Ao nascer você respirou, o cordão foi cortado e você foi separado da sua mãe, que decidiu que seria assim. Talvez você respire tão mal para reencontrar sua mãe antes da separação, quando você estava dentro dela e não respirava. Mas se você decidiu viver, não poderá fazê-lo sem respirar. Sua mãe anterior está aí, dentro do seu coração. Não é porque você respirou que se separou dela e não será deixando de respirar que a reencontrará. Oliver adormece, e logo o ruído da obstrução desaparece e Caroline se emociona. No mês seguinte, Olivier não tem mais problema respiratório. Uma família adotiva foi selecionada (ELIACHEFF, 1995).

O corte da relação de Oliver e sua mãe ficou em suspenso, sustentado pelo desejo de suas maternantes de que sua mãe iria voltar. O sofrimento de Oliver toma seu corpo, numa busca de retomar o laço com sua mãe, atendendo seu desejo e o desejo de suas cuidadoras.

Eliacheff (1995) enfatiza a importância de que se conte ao bebê a origem da ruptura e de se pôr em palavras o que ele está vivenciando, visto que, o que não é verbalizado, provoca uma falha no processo de simbolização, podendo vir a surgir o sintoma. As palavras são diretamente dirigidas para o

bebê, colocando-o como sujeito e oferecendo-lhe a possibilidade de habitar seu corpo, de modo que assegure sua identidade através de sua origem.

Entendemos que a mudança de percurso no desenvolvimento dos sinais de sofrimento psíquico apresentados, no caso de Olivier, se fez possível através da intervenção de Eliacheff, pois trouxe para além da observação destes, uma leitura de se seu corpo.

Como nos diz Jerusalinsky (2014), essa leitura se refere a uma operação clínica que se faz possível, a partir da transferência, situar de que modo o bebê se implica subjetivamente à letra que nele precipitou seus efeitos de inscrição a partir do laço com o Outro.

O que se busca como resultado não é a normatização da criança, mas que esta possa se constituir como sujeito e ator de sua própria vida (CATÃO, 2015).

É nesse sentido que entendemos que a clínica com bebês acontece na junção da observação dos sinais de sofrimento psíquico dos bebês, seja por via dos diferentes instrumentos e protocolos existentes, com a leitura de seu corpo, que se faz articulada com a escuta do discurso parental.

Referências Bibliográficas

CATÃO, Inês. O corpo como resposta a invocação da mãe. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v.4.2015. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/download>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ELIACHEFF, Caroline. **Corpos que gritam**. Trad. Sonia Goldfeder, 1. ed.- São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

FERREIRA, Severina Sílvia. Se as estruturas são não decididas na infância, como pensar o diagnóstico de autismo na criança? In: FERREIRA, Severina Sílvia (Org.). **O Autismo e a questão da detecção precoce**. Recife: Linceu, 2019. p. 87-94.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê.** 2ª ed. Salvador: Àgalma, 2014.

SZEJER, Myriam. **Se os bebês falassem.** Trad. Inesita Machado; Rosely Melgaço; Thereza Bruzzi-Curi. 1. ed.- São Paulo: Instituto Langage, 2016.

VASSE, D. L'ombilic et la voix. Paris, Seuil, 1974.